

RESUMO - 01. EPISTEMOLOGIAS CRÍTICAS E ENFRENTAMENTOS À VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA POLÍTICA E NA ACADEMIA| HÍBRIDO

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA POLÍTICA E SUAS INTERSECCIONALIDADES

Thiago Cantidio De Freitas (thiagocantidiodef Freitas@gmail.com)

Sofia Fagundes Veloso De Mattos (sofia fagundes57@gmail.com)

A violência de gênero na política configura-se como uma das expressões mais persistentes das desigualdades estruturais que atravessam o espaço público e limitam a efetiva participação das mulheres e pessoas dissidentes de gênero nos processos decisórios. Mais do que episódios pontuais, tais violências constituem mecanismos sistemáticos de exclusão e silenciamento que reafirmam a lógica patriarcal e colonial de poder. No cenário global, observa-se que o ambiente político permanece permeado por práticas de assédio moral, difamação, ameaças e deslegitimação simbólica, reforçando a masculinização do poder e o controle sobre os corpos e as vozes femininas. A partir dessa constatação, o presente estudo é uma pesquisa em andamento que busca analisar a violência de gênero na política sob uma perspectiva crítica, interseccional e decolonial, articulando-a às epistemologias feministas que propõem novas formas de produção de conhecimento e de resistência. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise comparada de relatórios internacionais, documentos institucionais e estudos acadêmicos sobre violência política de gênero, especialmente os produzidos por organismos como a ONU Mulheres, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos e a União Interparlamentar. O método adotado é qualitativo, de caráter exploratório e analítico, com base na triangulação entre fontes teóricas

e dados empíricos. Adota-se, ainda, uma perspectiva interseccional compreendendo que raça, classe e sexualidade constituem dimensões indissociáveis da opressão e uma abordagem decolonial, que questiona a universalização dos paradigmas eurocentrados e propõe epistemologias situadas. Os resultados apontam que a violência de gênero na política assume múltiplas formas e intensidades, variando conforme o contexto cultural e institucional, mas mantendo um mesmo núcleo de controle: a deslegitimação da presença das mulheres como sujeitas políticas. Entre os principais achados, destacam-se a persistência do discurso de inferiorização das capacidades femininas, a naturalização da misoginia no debate público e o uso das plataformas digitais como novos espaços de agressão simbólica e moral. O fenômeno da ciberviolência, por exemplo, amplia as fronteiras da intimidação, ao reproduzir ataques em escala global e atingir a subjetividade das vítimas. As reações institucionais, embora crescentes, ainda se mostram fragmentadas e pouco efetivas, em razão da ausência de políticas integradas de proteção e de marcos normativos que reconheçam a dimensão política dessas violências. Conclui-se que a violência de gênero na política não pode ser compreendida apenas como uma questão de comportamento individual, mas como uma expressão de estruturas históricas de dominação que atravessam as instituições e os saberes. Enfrentá-la requer um duplo movimento político e epistemológico que desafie as bases patriarcais do poder e transforme os modos de produção do conhecimento. Nesse sentido, as epistemologias feministas e decoloniais oferecem caminhos para desestabilizar as hierarquias de saber e construir uma política mais plural, inclusiva e emancipatória. A consolidação de espaços de escuta e de produção crítica, como o proposto pelo simpósio temático, representa um passo essencial para romper o ciclo de silenciamento e afirmar o direito das mulheres e das dissidências de gênero a uma presença política livre de violência.

Palavras-chave: violência de gênero; política; epistemologias críticas.